

CRISTIANA LÔBO

Novos passos de FH

O presidente Fernando Henrique Cardoso traçou, enfim, um cronograma para esta segunda fase de seu governo: quer votar já as reformas que estão pendentes no Congresso para, ano que vem, instalar um governo eminentemente técnico para o último ano de seu mandato.

Nesse cronograma, o ideal seria a votação das reformas até julho. Mas isso é muito difícil. A reforma da Previdência terá de voltar à Câmara e isso pode se estender até meados de setembro — quando o Congresso estará votando a lei eleitoral que vai estabelecer as normas para as eleições do ano que vem.

Todo o esforço parece caminhar para um objetivo do presidente Fernando Henrique: o de se livrar da prisão dos três quintos dos votos no Congresso. É por isso o “mutirão das reformas” a partir da semana que vem para que o presidente tenha condições de formar o Ministério de seu gosto em 1º de janeiro de 1998.

O primeiro passo foi dado. O PSDB, partido do presidente, encampou a idéia das reformas-já e, segundo o presidente tucano, Teotônio Vilela Filho, o que puder ser votado, bem; o que não puder, vai ficar para 1999. Nessa ocasião, para concluir as reformas sem a obrigatoriedade dos três quintos dos votos, o governo apoiaria uma emenda estabelecendo que o Congresso a ser eleito ano que vem terá poderes de Congresso revisor em 1999. E a aprovação de emendas precisaria de metade mais um dos votos das duas Casas — 298 votos de deputados e senadores.

A decisão de FH, já comunicada a alguns aliados, é a de substituir todos os ministros parlamentares e até mesmo alguns que tenham vínculo forte com os partidos. Há quem diga que até Sérgio Motta — por ser secretário-geral licenciado do PSDB — também será substituído. Na lista de ministros parlamentares estão os deputados Antônio Kandir, Reinhold Stephanes, Eliseu Padilha, Francisco Dornelles, Luiz Carlos Santos e os senadores Íris Rezende e Arlindo Porto. Filiados a partidos, mas nunca disputaram eleições, estão Raimundo Britto e Bresser Perei-

ra, além de Gustavo Krause, que no momento está sem mandato parlamentar.

O presidente quer retirar o traço político de seu governo. Afinal, ele próprio estará em campanha pela reeleição num cenário absolutamente novo no Brasil: sem desincompatibilizar-se do cargo. Ele quer prevenir-se de qualquer acusação de uso da máquina. Para isso, os programas-chave para 1998 serão anunciados já na semana que vem.

Será uma profunda guinada no governo Fernando Henrique, que hoje é eminentemente político. Os técnicos que vão ocupar o comando dos ministérios deverão de ter capacidade gerencial comprovada — é o que quer o presidente. Ele cita, por exemplo, a necessidade de que as ações do governo tenham começo, meio e fim. A alguns amigos o presidente observa a

ação do ministro Paulo Renato no Ministério da Educação. De início ele cuidou de arrumar a casa, em seguida traçou a política educacional e agora está executando os programas. Como no caso do provão: a UNE reagiu, mas o ministério insistiu, realizou o provão e agora está avaliando a qualidade do ensino. Para FH, isso deve repetir-se em todas as pastas.

Na reforma ministerial de dezembro — o presidente Fernando Henrique vai pedir que

todos os ministros entreguem seus cargos no dia 30 de dezembro — além da equipe técnica, algumas modificações serão experimentadas. Uma amostra de como o governo político será substituído por um governo gerencial pode ser vista a partir da troca de um ministério extraordinário por outro: será extinto o Ministério para Assuntos Políticos para ser criado um ministério (ou uma secretaria) de Desenvolvimento Urbano, reunindo a Caixa Econômica Federal e mais a Secretaria de Desenvolvimento Urbano, que hoje é subordinada ao Ministério do Planejamento.

Essa guinada no governo num ano eleitoral, retirando o lado político para abrir espaço aos técnicos, é explicada por um assessor do governo: “Com ministério político, o governo vira um grande comitê eleitoral.”



■ Cristiana Lôbo é jornalista

A idéia é substituir todos os ministros parlamentares e até alguns que tenham vínculo forte com partidos